

DE NOVO A COMUNICAÇÃO

Roberto Rodrigues*

Nos últimos meses houve grande movimentação do lado do governo brasileiro para abrir novos mercados. A Ministra Teresa Cristina esteve na fronteira dessas articulações que resultaram na sinalização do Acordo Mercosul/União Europeia, super importante porque nos traz de volta ao grande tabuleiro do comércio global. Desde o desmanche da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas) nos primeiros anos deste século, não fizemos nenhum acordo bilateral relevante, ficamos fora da TPP (Parceria Trans Pacífico) e, pior de tudo, a Rodada de Doha da OMC não avançou quase nada na direção de seu objetivo primordial que era a liberalização consensual do comércio agrícola global. O governo está buscando novas parcerias. Já foi feito uma Declaração Conjunta com o EFTA (Suíça, Islândia, Noruega e Liechtenstein, europeus fora da UE), além de entendimentos crescentes com países importantes como o Japão, Coreia do Sul, Canadá, México, Cingapura e até com os Estados Unidos, onde está vigiando o Trade Promotion Authority, espécie de licença que o Congresso americano concede ao Executivo para negociar acordos internacionais e que vale até 2021.

São avanços importantes da nossa diplomacia, sobretudo pela sua compreensão de que a expansão do agronegócio brasileiro, alavanca da economia nacional e da geração de empregos, depende da abertura e consolidação de grandes mercados consumidores que possam absorver nossos excedentes exportáveis. Os Adidos Agrícolas (funcionários do Ministério da Agricultura destacados para assessorar nossos Diplomatas em Embaixadas selecionadas) vão ajudando a mostrar aos consumidores estrangeiros o potencial brasileiro de abastecer cidadãos de qualquer região com produção sustentável de alimentos, fibras e energia.

Do seu lado, as entidades de representação dos diversos segmentos do agro vêm ampliando sua presença com visão de negócios em nações relevantes, e instituições como a CNA e a ABRAPA (Associação Brasileira de Produtores de Algodão) estão planejando a abertura de escritórios nelas. E a representação de produtores de proteína animal como a ABPA e a ABIEC estão buscando acesso a outros países, no Oriente Médio, Europa e Ásia. Há, em resumo uma movimentação nova em prol da melhor inserção do agro brasileiro no cenário comercial internacional, continuamente procurando espaços em todos os continentes.

Não se trata de negociações tranquilas ou fáceis. Ao contrário, são complexas e demoradas porque sempre, de uma forma ou de outra, acabam contrariando interesse de produtores concorrentes dos mais diversos países.

Mas quando se oferecem de mão beijada argumentos inesperados contra acordos em perspectiva, a reação é imediata e poderosa por parte da concorrência. Foi o que aconteceu recentemente quanto às informações inadequadas sobre desmatamento e queimada na Amazônia. A parcela de europeus menos competitivos se agarrou a isto, apesar de estarmos certos na

demonstração da realidade da região, como ficou fartamente explicitado. Mas a forma de comunicar deu a eles a chance de tentar "melar" o super importante Acordo UE/Mercosul. Teremos que trabalhar muito para conseguir viabilizá-lo.

Está passando da hora de fazer um grande programa de comunicação para mostrar a verdadeira agropecuária sustentável praticada aqui. E talvez seja a hora de montar uma poderosa agenda de diplomacia ambiental para mostrar como somos bons nisso, inclusive com o Código Florestal mais rígido do planeta.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Titular da Cátedra de Agronegócios da USP.**